

# ISRAEL TABAK

**Entrevistadores:** Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

**Data da Entrevista:** 24/10/2008

## **Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?**

É só Israel Tabak mesmo. Eu nasci no Rio de Janeiro, em 4 de dezembro de 1943.

## **Quais eram os nomes e as atividades de seus pais?**

Meu pai era professor, aliás, um líder, vamos dizer assim, cultural da comunidade judaica no Rio de Janeiro, na chamada ala progressista, ligada aos partidos de esquerda. Fundou e dirigiu escolas. O nome dele era Pejsach Tabak. E a minha mãe era mais do lar, embora tivesse ajudado muito o meu pai em suas atividades. Chamava-se Sara Tabak.

## **Já existia algum envolvimento com o jornalismo na sua família?**

Existiu um envolvimento cultural muito grande do meu pai, que era um intelectual, um professor de literatura judaica, de ídische e de história judaica. Ele era realmente uma espécie de revolucionário cultural já na cidadezinha dele, na Polônia. Ainda muito jovem, resolveu abandonar a tradição religiosa. Ele se negou, inclusive, a fazer o Bar-Mitzvá, que é a maioridade religiosa, e resolveu seguir uma atividade totalmente laica. Foi estudar para ser professor e quando o nazismo começou a assumir os seus contornos, achou melhor sair da Polônia e vir para o Brasil. Antes, ele chegou a trabalhar como professor na cidade de Lublin, na Polônia, e aqui no Brasil veio a ser diretor e professor em escolas da comunidade judaica que eram mais voltadas para os valores culturais e éticos dos judeus da diáspora e também para ideais universalistas e laicos. Meu interesse por jornalismo vem desde criança. Eu já fazia um jornalzinho em casa, bolava títulos e fazia uma diagramação rudimentar, muito influenciado pela leitura de jornais, o que era comum na minha casa. Ainda existiam naquela época jornais ligados a partidos políticos. Por exemplo, existia um jornal diário, porta-voz do Partido Comunista, chamado *Imprensa Popular*, que era lido quase todo dia na minha casa. Mais tarde,

como ocorreu com tantos outros idealistas, meu pai sofreu um grande baque quando começaram a ser relatados os crimes cometidos em nome do comunismo. Eu também lia outros jornais. Ainda adolescente gostava muito de política, esporte, cidade, e de ouvir rádio. Gostava de comunicação, em geral. Também influenciado pelo meu pai, adorava discutir política. Esse foi meu caminho inicial de atração pelo jornalismo.

**E então você fez o curso de Jornalismo na Faculdade Nacional de Filosofia. Como era esse curso?**

Era um curso ainda muito novo. A maioria dos jornalistas, na época em que comecei a estudar, ainda não tinha diploma. Não era um curso muito bem visto pela classe média. Mais ou menos como se uma moça dissesse, na década de 30, que seria atriz. Então, uma pessoa se formava como advogado, como engenheiro, como arquiteto, como médico, mas ser jornalista? Então, por isso mesmo me perguntei: Jornalismo, um curso meio desconhecido? Vou fazer outra faculdade. Fiz direito, também. Fiz jornalismo no que seria hoje a UFRJ, que antigamente se chamava curso de jornalismo na Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, e fiz direito no que era antigamente a UEG, Universidade do Estado da Guanabara, hoje, UERJ. Fazia jornalismo de manhã e direito à noite. À tarde ainda participava da política estudantil na Finifi, como a gente carinhosamente chamava a Faculdade Nacional de Filosofia, que era uma das mais politizadas do Brasil e, por isso mesmo, foi uma das mais traumatizadas pelo golpe militar de 64.

**Que época era essa em que você estava na faculdade?**

Na Faculdade Nacional de Filosofia estudei de 1963 a 65, o curso tinha três anos. Na Faculdade de Direito, de 1963 a 67.

**Então você pega o golpe...**

Pegamos o golpe no meio. Eu era secretário, na faculdade de direito, de um jornal chamado *Política Universitária*, que acabou no mesmo dia do golpe. Resolvemos, por questão de segurança, não prosseguir mais no jornal.

**E quem eram os seus professores na faculdade de Jornalismo?**

O meu grande professor na faculdade, que mais me marcou o meu aprendizado inicial, foi o Zuenir Ventura, que já era um profissional conhecido na época. Essa é a principal lembrança de professor, na faculdade.

**Ainda na faculdade, você já começa a estagiar em jornal...**

O José Carlos Avellar, na época diagramador do *Jornal do Brasil*, mas que já era crítico de cinema, era também o presidente do diretório acadêmico de Jornalismo. Ele me convidou: "Você não quer estagiar no *Correio da Manhã*?" Eu aceitei, era justamente o ano do golpe, e o *Correio* era o único jornal que se insurgiu pra valer, depois de apoiar inicialmente o golpe. Fez oposição mais dura ao golpe militar. Eu era muito jovem, me limitava a *babar* vendo aquelas pessoas na minha frente, como o Otto Maria Carpeaux, que era um gênio, às vezes aparecia o Drummond na redação, tinha o Edmundo Muniz, o Márcio Moreira Alves, o Hermano Alves e também o Carlos Heitor Cony. Eu fazia mais polícia. Mas gostava mesmo era de tentar chegar perto daqueles ícones.

### **Como era o ambiente da redação?**

Era de efervescência. Mesmo eu, um reles foga estagiário, me sentia fazendo história naquele jornal, que ficou marcado como o que realmente se insurgiu contra aqueles aspectos todos ditatoriais, que já apareciam, embora não com tanta ênfase, como depois de 68, na política brasileira. Então, eram grandes artigos, matérias que me faziam sentir, claro que de maneira muito modesta, compartilhando uma fase importante do jornalismo brasileiro.

### **Você entrou no *Correio da Manhã* antes do golpe?**

Não, eu entrei no segundo semestre, o golpe foi em abril.

### **E qual era então a visão sobre a virada política do *Correio da Manhã*? Quer dizer, um jornal que, pouco antes do golpe, publicou os editoriais contra o presidente João Goulart e depois do golpe passa a fazer oposição aos militares...**

Embora, como a grande maioria dos jornais, fosse conservador, acho que o *Correio* resolveu seguir à risca os ideais democráticos. Então, se o novo regime não respeitava a diversidade, a liberdade partidária, a liberdade de imprensa, o jornal foi apenas coerente com seus ideais. O jornal se insurgiu contra a ditadura, mas isso não quer dizer que, de repente, tivesse se tornado um jornal de esquerda, de linha comunista, socialista. A direção do jornal, os donos de jornal foram simplesmente coerentes com os seus ideais liberais e democráticos.

### **A sua primeira redação foi a do *Correio da Manhã*. Hoje em dia, um jovem jornalista passa por cursos oferecidos pelos jornais e revistas. Nessa época, como era o aprendizado de um foga? Você entrava na redação e acontecia o quê?**

Nessa época, como hoje, na maioria dos jornais, o foca aprende trabalhando. Então, na realidade, eu comecei fazendo aquilo que se chamava naquele tempo de "cozinha", que era centrada em redação e não em reportagem. Naquela época, como já disse, quase não havia jornalista formado. E havia alguns, principalmente na área policial, que não sabiam escrever direito. Eles, então, relatavam os fatos a outra pessoa, com mais intimidade com a língua, que fazia o texto final. A "cozinha", propriamente dita, eram algumas notas já prontas, mas que não estavam bem escritas, bem encadeados, ou precisavam de alguma informação mais atualizada. Eu fazia uma espécie de acabamento da matéria. Comecei quase como um copy desk e era jogado pouco na rua, porque viam que eu tinha uma noção de texto um pouco melhor do que alguns repórteres da época. Um pouco mais tarde, já em 65, é que começou, de fato, o meu grande aprendizado como repórter. O *Jornal do Brasil* era a grande meca do jornalismo, na época. No jornal havia um curso prévio para futuros jornalistas. Gente que se candidatava para ser estagiário no *Jornal do Brasil*. Quando deixei o estágio no *Correio* fiz esse curso, dado pelo Luiz Lobo, um excelente jornalista e magnífico didata. Mais tarde, outros grandes jornalistas, como Fernando Gabeira, foram professores do curso. Eu até dizia que naquele curso do *Jornal do Brasil* eu aprendi mais do que em todos os meus anos de faculdade, apesar da sorte de ter sido aluno do Zuenir.

**Esse curso foi a sua porta de entrada no JB?**

Fiz esse curso em 1965, mas só comecei a estagiar no *JB* em 66, mesmo já estando formado. Naquela época não havia essa rigidez, esse controle, era uma profissão nova, ainda mal regulamentada e, como só havia essa chance de entrar no *Jornal do Brasil* fazendo estágio, mesmo já formado, eu me sujeitei. O estagiário não ganhava um tostão, então fiquei vários meses trabalhando como se fosse um profissional, sem ganhar nada, me candidatando a ser efetivado como repórter, o que ocorreu no fim daquele mesmo ano.

**Você falou que o JB era a meca do jornalismo naquela época, conta como era esse *Jornal do Brasil* pós reforma.**

Era simplesmente o grande horizonte desejado por todo jornalista. Não havia qualquer tipo de concorrência. O *Globo* não existia ainda, como jornal moderno, nem os jornais de São Paulo. Não havia concorrente, e havia uma base, uma estrutura financeira, dinheiro decorrente justamente de uma fase anterior no *Jornal do Brasil* que foi muito próspera, uma fase em que o jornal era chamado de *Jornal das Cozinheiras*. Era, praticamente, um jornal de anúncios, devia dar muito lucro, tanto que sobrou muito dinheiro para que, em boa hora, a dona do jornal, a

Condessa Pereira Carneiro, resolvesse transformar aquele jornal das cozinheiras no maior jornal do país, revolucionário, na parte editorial e na parte gráfica. Lá se fazia o jornalismo moderno, com lide, sub-lide, pirâmide invertida, textos muito trabalhados. Havia a paixão de trabalhar na rua, a paixão de fazer matérias diferentes, criativas. Naquela época, a grande maioria dos jornalistas do *JB* escrevia muito bem e havia campeonato interno de redação. Não era uma disputa personalista. Todo dia, o repórter prestava atenção no lide e na matéria dos colegas, para ver os achados, a criatividade. Era uma fase de experimentalismo também, de novidade, de estímulo, porque as pessoas ganhavam muito bem. O *Jornal do Brasil* foi o primeiro jornal a fazer uma gradação, a construir uma carreira para repórter, para que ele pudesse viver daquilo. Antes, o jornalismo costumava ser um bico. O sujeito era funcionário público de manhã e fazia um bico no jornal à tarde, pra complementar o salário. No *JB* você tinha a possibilidade de viver só de jornalismo. Foi uma grande aventura profissional. Havia aqueles tarimbados repórteres especiais da época que tinham um ideal romântico de jornalismo. Muitas vezes nós, os mais jovens, sabíamos que eles avançavam um pouquinho no imaginário e entravam na ficção mas, na realidade, ninguém estava muito ligado nisso e sim na beleza do texto. Essas pitadas de imaginação eram, vamos dizer assim, toleradas, desde que não atrapalhassem a vida de ninguém, de nenhuma fonte, de nenhum entrevistado. Foi uma época de ouro. Eu buscava também fazer as minhas matérias da forma mais atraente possível. Então, o que não se queria na redação era burocracia, textos tipo relatório. Foi uma época riquíssima. Acho que não existe mais essa intensidade, essa motivação, inclusive em razão da forma pela qual as redações se estruturam hoje. As pessoas preferiam muitas vezes trabalhar a ficar em casa. A gente levava uma vida pessoal muito relacionada com a vida lá dentro. Eu me lembro que, com outros colegas, comecei a fazer coisas que nunca tinha feito. Pescar siri com tarrafa, jamais pensei que fosse fazer isso, mas tinha um grupo que gostava de levar uma tarrafa lá para o canal de entrada da Barra. Eu ia com eles, ia para a casa deles. A nossa amizade pessoal era muito marcada pela nossa paixão pelo jornalismo. Nós tínhamos ases da literatura, grandes intelectuais que trabalhavam no copy desk. A gente aprendia muito com eles. Foi numa grande sorte ter trabalhado nesse ambiente, em um jornal que tinha uns 50 correspondentes no exterior, que tinha até uma numerosa sucursal em Niterói, que, naquela época, era capital de outro estado. Havia mais repórteres trabalhando em Niterói do que deve ter hoje na maioria das redações do Rio. Eu tive também a honra de participar da primeira editoria da Cidade em um jornal brasileiro, que foi a do *Jornal do Brasil*. Fui repórter de Cidade, subeditor de Cidade, fui editor durante algum tempo. Foi essa editoria que iniciou a cobertura sistemática de grandes

problemas urbanos que estão explodindo hoje em todo o país. A falta de planejamento urbano é uma chaga brasileira. Eu me lembro que, quando havia congestionamento no centro da cidade, era manchete de primeira página. Era raríssimo, antes, ocorrerem grandes congestionamentos. O que é hoje rotina, naquela época, era manchete. E as matérias de polícia eram uma ou duas, no máximo, nas várias páginas de Cidade, porque polícia não era importante. Eu subia qualquer morro sem ter nenhum medo, não havia o tráfico organizado, podia haver um ladrão de galinhas, um pequeno vendedor de algum tipo de tóxico, mas nada que nos intimidasse. Nós frequentávamos todos os lugares sem medo, inclusive, podíamos sair da redação de madrugada, andar pela Praça Tiradentes, em qualquer lugar. A última coisa que eu pensava era que podia ser assaltado. Não que não tivesse assalto, é a diferença de grau.

### **Quando a editoria de Cidade foi criada?**

Foi no final da década de 1960. O primeiro editor de Cidade foi um grande jornalista, hoje meio esquecido, já morto, também um grande mestre meu. Era o José Gonçalves Fontes que, na sua época, foi o maior vencedor de prêmios Esso. Ele era um sujeito que ia fundo nas matérias,. Com muita acuidade na apuração, com muita inteligência para descobrir fatos, me ensinou muita coisa. E a reportagem de cidade, até digo hoje para os meus alunos (depois também virei professor) é a grande reportagem de aprendizado de qualquer estudante, porque é lá que você se depara com o drama humano puro, em todos os seus aspectos. Você não está em um gabinete entrevistando um especialista, você não está só apurando um fato isolado. Você está fazendo tudo isso e muito mais. Você está observando, você está descrevendo, você está fazendo um pouco de antropologia urbana, você está vivenciando situações, desde que você se dedique a cultivar esse hábito, um pouco esquecido hoje, que é a capacidade de observação. É preciso aprender a observar e a correlacionar fatos. Quando um estudante me pergunta o que é ser um bom repórter, cito uma palavra que dá uma ideia do que eu penso: *dimensão*. Um bom repórter é aquele que sabe dimensionar bem os fatos. Pequenos detalhes podem passar despercebidos do repórter medíocre, mas não passam despercebidos de um bom repórter, quando ele sabe correlacionar esses detalhes, quando ele sabe contextualizar a informação, quando tem background, para, observando aspectos que seriam irrelevantes para o repórter desatento, ele saber jogar esses fatos diante de outros fatos. Aí a reportagem fica rica porque você pode descobrir a dimensão oculta de um fato, desde que você realmente tenha capacidade para isso. Você vê a toda hora que, diante do mesmo fato, um bom repórter muitas vezes faz uma matéria riquíssima e o mau repórter faz uma matéria ruim, sem uma série de

aspectos que o bom repórter aproveitou. Não é uma questão de ter uma fonte melhor ou pior. A capacidade de ver e observar, correlacionar, perguntar, dimensionar, enfim, é que faz a diferença.

**Ainda sobre seu início no *Jornal do Brasil*, você é um jovem repórter, que está no melhor jornal do país em uma época, antes do AI-5, de grande efervescência política. E o *JB* ficava na avenida Rio Branco, centro dos acontecimentos políticos. Quais são as suas lembranças do ano de 1968, no Rio de Janeiro?**

Antes de 1968, nesse período que eu trabalhei antes da ditadura se tornar muito mais fechada e muito mais arbitrária, já havia um certo trauma na redação na abordagem de problemas políticos. Já havia ocorrido uma série de cassações e o jornal não era de oposição aberta. A maioria dos jornais, com exceção do *Correio da Manhã*, não era de oposição aberta ao regime militar. Não eram jornais totalmente aderentes, não estavam satisfeitos, mas decidiam, até, talvez, por uma questão de segurança, de sobrevivência, deixar de questionar mais agressivamente o regime militar. E a reportagem política era um pouco toldada por essa tendência do jornal de não acirrar muito, de não prestigiar muito esse tipo de discussão, embora houvesse excelentes repórteres políticos naquela época. Aproveitei o fato de estar em uma área mais aberta, menos vigiada, de Cidade, onde era mais fácil abordar uma série de problemas candentes da sociedade, problemas sócio-econômicos, urbanísticos, a questão habitacional, o drama da educação, da saúde, disparidades sociais. Abordava os problemas de forma específica, fazendo reportagens de campo. Obviamente, todas essas questões, embora não de forma explícita, também eram políticas. Sempre digo para os meus alunos que você, como jornalista, não deve ser militante. Você tem que ser jornalista, colocar o máximo de verdade possível na sua matéria, mesmo que o fato que você reporta desminta uma suposta "verdade" na qual você antes acreditava. Mas também é verdade que na própria escolha da pauta você já toma posição. Você é quem escolhe os fatos que, em sua opinião, devem ser melhor abordados, muitas vezes movido por pura indignação. Então, naquela época eu me revoltava com uma das políticas que foram estimuladas durante o regime militar. Na verdade, essa política já havia começado no governo de Carlos Lacerda, no município do Rio, àquela época Estado da Guanabara: era a remoção das favelas da Zona Sul. Na realidade, existiam muitas favelas próximas a centros de classe média alta da Zona Sul, e elas estavam lá justamente por causa disso. Como o país tem grande disparidade social, onde você tem gente rica morando, tem gente pobre ao lado, que são justamente as pessoas que vão servir a classe média alta.

Ainda é um pouco casa grande e senzala, por causa da disparidade social, disparidade de renda. Eu estive na Suécia e lá me contaram que, se um grande empresário ganhasse mais de 12 vezes o que ganhava um operário, iria haver revolução. Aqui, seria o mesmo que dizer que um dono de empresa, se ganhasse R\$ 6 mil, iria haver revolução. Só que aqui eles ganham R\$ 60 mil, R\$ 100 mil, R\$ 500 mil e não acontece nada. Então, o que ocorria? Como havia favelas muito próximas a áreas muito ricas, desvalorizando os imóveis, começou uma política de remoção. A especulação imobiliária vibrou. Milhares de imóveis teriam valorização imediata. Começaram a remover as favelas com o argumento de que as pessoas agora iam morar em casas decentes, iam ter chuveiro. Mas essa política representou um enorme baque social, perda de emprego, aumento de despesas, levando milhares de famílias à completa desestruturação. As pessoas, antes, se conheciam, eram empregadas da fulana de tal, trabalhavam na casa de comércio ao lado da Catacumba, eram motoristas de outro fulano, todos quase vizinhos e, de repente, estão morando na distante Zona Oeste. Muitos perderam o emprego, e eu achava isso revoltante. Fiz matérias sobre isso. Começou com o Lacerda, como eu disse, mas depois, já na ditadura, se tornou um programa federal, atendendo a grandes interesses de imobiliárias. Cada favela removida era uma nova área valorizada na Zona Sul. Temos hoje edifícios onde moram políticos, empresários, gente endinheirada, numa área junto ao atual Parque da Catacumba. Onde estão estes edifícios hoje era a entrada da Favela da Catacumba.

Nessa época fiz uma matéria, no *JB*, que era especificamente sobre a Vila Kennedy, uma área na Zona Oeste, para onde foram removidos favelados da Zona Sul. Mostrei a decadência das pessoas, como aquilo havia diminuído brutalmente a qualidade de vida delas. Obviamente o Carlos Lacerda, que havia feito a remoção, não gostou e se queixou ao Alberto Dines, que era o editor- chefe na época. Mas fiquei feliz, porque o Lacerda, apesar da queixa, disse que a matéria estava bem escrita. O Lacerda escrevia muito bem. Ganhei o elogio, ganhei o dia. Voltando ao que estava dizendo, eu procurava, por meio de denúncias de problemas sociais candentes que estavam aumentando, exercer a minha veia política de contestação, de indignação em relação à realidade social brasileira. Mas muitos outros jornalistas foram por esse viés já que, cada vez mais, a partir de 68, fazer reportagem política era muito complicado, também porque os personagens políticos estavam minguando, sendo cassados, presos, fugindo ou caindo na clandestinidade.

**Em que medida era possível ter essa abordagem mais crítica, do que estava acontecendo com os pobres, no caso dos favelados, em um jornal elitista?**



Era mais fácil do que escrever sobre política, porque eu não estava criticando diretamente ninguém. Eu só estava falando de um problema específico. O problema das favelas, o problema da habitação, qualquer problema social, problema de saúde, todos esses temas têm viés social e político. É verdade que os jornais, que eram em sua maioria conservadores, não gostavam muito de abordar assuntos ligados aos pobres. Várias vezes fui questionado sobre a validade dessas matérias em relação ao interesse dos leitores. Acho que os leitores eram muito mais inteligentes do que as próprias pessoas que questionavam isso. Os leitores sabiam que aqueles problemas que estavam acontecendo na periferia não iam demorar muito para explodir também nas áreas mais ricas. Infância abandonada, menores de rua, formação de grupos de extermínio, eu já abordava esses problemas, mas recebia questionamentos absurdos, do tipo: "Mas o nosso leitor não está interessado em saber se alguém está sendo exterminado na periferia". Os repórteres que insistiam em investigar esses temas, como o próprio Tim Lopes, com quem trabalhei no *JB*, tinham muitos problemas para veicular esse tipo de matéria. Por exemplo, houve quase uma conspiração de alguns jornalistas para que fosse veiculada uma matéria que a gente estava abordando, que era o extermínio de menores, já na década de 80, um fenômeno corriqueiro na Baixada, às vezes estimulada por grupos de comerciantes. Alguns editores diziam que isso era um problema da Baixada, que o leitor de um jornal classe A e B não tinha nada a ver com isso. A estratégia foi avisar a Anistia Internacional, para que ela denunciasse isso na Europa. Assim, os jornais daqui seriam obrigados a mencionar também. Como o Dines diz muito bem, no jornalismo você não tem uma situação ideal para trabalhar. Mas você tem que ver as brechas, criar as brechas e dar um jeito para veicular o máximo possível de verdade. A gente quase que instintivamente trabalhava assim. Existia o que eu chamaria de preconceito, sobretudo de donos de jornais, cujas ordens, infelizmente, eram rigidamente cumpridas por alguns chefes, contra matéria que abordasse problemas sociais. Como nós, repórteres da época, detectamos e previmos na época, esses problemas, literalmente, iriam acabar invadindo a praia dos ricos.

**Nessa mesma linha, você fez inúmeras reportagens, sempre retratando a realidade social, especificamente no Rio de Janeiro. Por exemplo, sua matéria sobre o Plano Urbanístico da Barra da Tijuca. Como foi?**

Isso ainda foi na década de 60, eu e um excelente repórter de cidade, já falecido, Luiz Paulo Coutinho, estávamos em uma campanha mostrando o caos urbano em uma área ainda pouquíssimo ocupada, com grande um potencial de crescimento, e, como em outras regiões do Brasil, sobretudo no interior, uma região disputada

por grileiros, falsos proprietários. Pouca gente sabe, havia briga de tiro, gente sendo morta, assassinada na disputa por terras na Baixada de Jacarepaguá. São áreas até hoje contestadas e disputadas judicialmente. Por falta de um plano urbanístico, a Barra crescia completamente desordenada e, nós, como jornalistas preocupados com a evolução da cidade, gritávamos contra isso. Então, depois da nossa grita, foi contratado o Lúcio Costa para fazer o Plano Urbanístico da Barra da Tijuca e de toda a Baixada de Jacarepaguá. O plano só não abrangia as áreas já urbanizadas: o Jardim Oceânico e o Recreio dos Bandeirantes. Lúcio Costa ordenou aquela região, mas o plano depois começou a ser sistematicamente deturpado em razão dos interesses imobiliários que foram prejudicados. Fiz várias reportagens sobre a descaracterização do plano e o próprio Lúcio Costa rejeitou o que estava sendo feito em nome dele, dizendo que não tinha mais nada a ver com aquilo. Um exemplo curioso do que o jeitinho brasileiro pode fazer contra o interesse coletivo está na orla da Barra. Lúcio Costa não queria que a avenida litorânea se transformasse em um novo paliteiro de prédios, como ocorreu em Copacabana. Portanto, ele planejou núcleos, grupos de prédios, que seriam espaçados por áreas verdes. Disse que a única exceção seria para hotéis. Imaginou que teria um hotel aqui, outro ali. O que os nossos criativos empresários inventaram? Apart-hotel. Então, toda a orla da Sernambetiba ficou cheia de apart-hotéis, que muitas vezes são prédios residenciais disfarçados, um colado no outro, formando o paliteiro. Lúcio também dizia uma coisa óbvia no urbanismo mundial. Não é o pedestre que tem que fazer força, não é o pedestre que tem que subir passarela. O certo seria baixar um pouco o nível de passagem dos carros, em pontos determinados, evitando um desnecessário esforço físico do pedestre. Na Avenida Brasil, por exemplo, existem aquelas horríveis passarelas, um desrespeito para os mais idosos. Na Barra, desprezaram a orientação de Lúcio Costa. Ao invés de evitar os cruzamentos, começaram a criar, o que é um absurdo, na Avenida das Américas, inúmeros sinais luminosos. Então, as coisas vão sendo desrespeitadas porque não é o espírito público que governa o urbanismo, são os interesses, o que também acontece em outras áreas. Como repórter, sempre tive a preocupação de mostrar essa faceta perversa do nosso país. Quanto menos civilizado um país, mais os interesses setoriais, de pequenos e poderosos grupos que, às vezes, se transformam em máfias, é que ditam as políticas públicas e costumam se apoderar de áreas com verbas generosas. Isso já era assim há 40 anos quando comecei no jornalismo e agora está até pior.

**Na medida em que vocês vão fazendo essas reportagens, que resposta que vocês têm dos leitores do jornal?**

Pela minha experiência, como já disse, o leitor é mais inteligente do que pensam os executores dessas estranhas pesquisas sobre leituras de jornais. Sempre tive questionamentos sobre a validade dessas pesquisas, sobre o que de fato pensam os leitores. Acho que o leitor, geralmente, sabe que uma boa matéria é ditada pelo espírito público, pela vontade de apurar a verdade. Ele sabe quando a matéria tem outro viés de interesse. Todo jornalista, de qualquer jornal, tem pavor do que a gente chama de matéria recomendada, que a gente apelida de *reco*. A matéria recomendada tem o viés de interesse da direção do jornal. Se você tem um grande lançamento imobiliário, por hipótese, na própria Barra da Tijuca, você pode ter uma solicitação para fazer uma matéria “positiva” sobre o bairro. Um grande empresário que vai comprar cinco ou seis páginas do jornal para o anúncio do lançamento, pode pedir, como uma espécie de contrapeso, que o jornal faça uma matéria simpática dizendo que aquele bairro é maravilhoso, ocultando os problemas. Isso é mais freqüente do que se pensa e há jornais que cedem. Só que o leitor costuma detectar isso. O que resta para o jornalista sério fazer? Argumentar do jeito que os donos de jornais entendem. Argumentar mercadologicamente. Qual é o maior ponto de venda de qualquer jornal? É dizer que o jornal fala a verdade, que é independente, que você quer passar só a verdade para o leitor. Quanto mais o jornal ocultar ou deturpar certos fatos em razão de outros interesses, o leitor, que não é bobo, vai detectar isso e vai reagir. O leitor funciona, então, como um aliado do jornalista. Já houve movimentos quase sincronizados em várias épocas, em vários jornais, de leitores que fizeram movimento de cancelar assinatura, de deixar de assinar o jornal, quando se sentiram enganados, desrespeitados. O jornal precisa saber qual é o seu limite. Esta é uma discussão universal. Nos Estados Unidos, por exemplo, fizeram enquete com jornalistas sobre este fenômeno, que eu acho bastante perigoso, que é a influência crescente da área comercial em relação ao conteúdo noticioso dos jornais. Então, há uma moda de você criar cadernos, suplementos que, de acordo com algum “gênio” da área comercial, é capaz de gerar muitos anúncios. O aspecto jornalístico, o interesse jornalístico do caderno, isso não está em primeiro plano. O pobre do jornalista, contrariando toda a sua formação, tem que bolar um caderno com assuntos daquela área que o comercial acha que vai gerar muitos anúncios, com matérias jornalísticas para justificar esses mesmos anúncios. Ora, isso subverte todo o seu aprendizado. O que você aprende? Que todo jornalista precisa procurar fazer a melhor matéria possível, precisa estar bem preparado para, assim, cativar o leitor. O leitor, confiando no jornal, vai comprar mais jornal, o jornal vai ser mais vendido, e, com isso, vai ganhar mais anunciantes. O anunciante quer saber se o jornal vende muito ou pouco e o jornal deve vender bem porque é bom. Fico imaginando, se todos os leitores soubessem

que algum desses cadernos, que algumas dessas iniciativas nascem com esse tipo de interesse. Será que eles iriam gostar de saber disso? Que estão lendo um caderno que só foi criado por interesse comercial? Que o jornalismo é quase uma perfumaria para justificar o caderno? Esse fenômeno é cada vez mais frequente. Não estou sendo aqui um Dom Quixote, dizendo que não precisa ter anúncio, eu sei que anúncio é importante, mas sou, nesse aspecto, conservador, para achar que a melhor maneira de você aumentar o volume de anúncios é convencer o leitor de que ele está lendo um bom jornal, um jornal que tem credibilidade. Aceitar uma série de imposições, fazer concessões para vender mais jornal já levou à falência muitos deles, que acabaram perdendo totalmente a credibilidade. E, nos Estados Unidos, como estava falando, quando, em uma pesquisa, foram perguntar aos editores o que achavam dessa tendência, a grande maioria se posicionou contra esses “cadernos que puxam anúncios”. Infelizmente, isso é do ser humano, alguns jornalistas em cargos de comando em jornais têm uma tendência a aceitar esses fatos pacificamente, sem tentar argumentar com os patrões. Eles poderiam ser, pelo menos, sinceros com os colegas, falando a verdade sobre as “recomendadas” e sobre os interesses comerciais se sobrepondo ao interesse jornalístico. Ao contrário, eles tentam justificar pedidos antiéticos feitos aos subordinados, como se aquilo fosse a coisa mais natural. Acho que aqueles que estão nos cargos de comando e agem assim poderiam nos poupar disso. Poderiam ser sinceros, pelo menos, com os próprios colegas.

**Voltando às reportagens, conta como foi feita a reportagem sobre o sistema de financiamento de habitação. Se não me engano, foi sugerida pelo Elio Gaspari.**

Foi. Houve uma época que o Sistema Financeiro da Habitação, que era uma criação da ditadura, estava praticamente falido. Foi um erro de avaliação social, o que, aliás, se justifica plenamente. A sensibilidade social não era o forte da ditadura. Os burocratas achavam que a maioria dos brasileiros poderia comprar casas e apartamentos a preços de mercado, pagando juros altos, essas coisas. Isso em um país como o Brasil em que a maioria da população simplesmente não tem dinheiro pode comprar um apartamento ou casa, de qualquer tipo, a preços de mercado, sem subsídios. As favelas são o maior exemplo de que a maioria dos pobres não tem condição de comprar uma casa decente, com saneamento, com água. É o país em que nós vivemos, não é? Então, se achou que poderia se criar um banco para financiar habitações pelas leis do mercado. As pessoas poderiam comprar e pagar prestações. Se houvesse inflação, aumentava a prestação, e estávamos em uma época de grande inflação. Não preciso dizer que o Sistema Financeiro de Habitação,

que era gerido pelo extinto Banco Nacional da Habitação (o BNH), foi um fracasso. Você tinha casas e apartamentos sendo abandonados em massa, por pessoas que perdiam tudo, que já tinham pago algumas prestações, mas não tinham condições de continuar pagando. Durante vários dias fiz uma espécie de crônica de um desses edifícios, que estava virando prédio-fantasma, tantas eram as pessoas que abandonavam os apartamentos, por não poderem pagar. A matéria foi contada por meio das histórias das pessoas e de números, que eram impressionantes. Tive a honra de receber um elogio do Dines, na coluna que ele escrevia, na época, na Folha de São Paulo. Acho que a matéria fez sucesso porque valorizei a observação e a emoção, não aquele emocionalismo barato, mas a emoção inerente ao próprio drama das pessoas.

**Você começou contando sobre a dificuldade que vocês tinham, de um modo geral, de indicar esse tipo de matéria no Jornal do Brasil. Com o tempo e a repercussão dessas reportagens, não apenas o *Jornal do Brasil*, mas a imprensa de modo geral, ela foi se abrindo mais em relação a esse tipo de reportagem que fala sobre o drama social?**

Acho difícil alguém argumentar contra uma reportagem bem feita. Eu me lembro quando o José Gonçalves Fontes me convidou para fazer com ele uma matéria sobre a calamidade do ensino, em 1975. A série de matérias se chamava *Educação, um estado de calamidade*. O mais triste é que hoje a situação ainda está pior. Eu me lembro que uma das primeiras reações de um chefe que leu essa matéria foi: "Essa matéria está muito grande!" Meu Deus do Céu, a gente fez tanto esforço, foram tantos dias, fomos para o interior, assistindo aulas, ouvindo barbaridades que as professoras falavam, o mau preparo das professoras, o sacrifício dos alunos pobres para chegar a uma escola, escolas caindo aos pedaços, aulas que eram dadas dentro de chiqueiros, aulas que eram dadas embaixo de árvores, professoras chegando num cavalo, sem nenhuma condição. O ensino no Brasil sempre foi muito abandonado. Mas a matéria "estava muito grande". Pouco depois, no entanto, a mesma pessoa nos chamou para comunicar: "O Dr. Nascimento Brito achou essa matéria muito boa". Graças a Deus, nosso esforço estava salvo. Nós tínhamos um dono de jornal que gostava de jornal. Ele tinha lido e tinha gostado. A partir daí tivemos o aval para publicar as matérias em página inteira durante vários dias. Ganhamos menção honrosa do Prêmio Esso, em 75. A força da matéria foi a nossa disposição de sair pelo interior vendo o que acontece, além de ouvir especialistas e coletar dados. Esse tipo de matéria você não faz dentro de uma redação. O Fontes sempre dizia que "lugar de repórter é na rua". Não quer dizer que a gente despreza as outras formas de apuração, mas, o maior bem do repórter é ter condições,

dadas pelo jornal, para ir a lugares que ele jamais iria, se não fosse um repórter. Talvez por ser uma pessoa da pequena classe média do Rio, jamais andaria pela periferia como eu andei, por todos os lugares, São João de Meriti, Nova Iguaçu, os lugares mais afastados lá de Nova Iguaçu, Nilópolis, toda a Zona Oeste. Como jovem de classe média, o que é que eu iria fazer lá? Mas foi nesses lugares que encontrei alguns dos melhores personagens das minhas matérias, descobri uma fala riquíssima, popular, além da música, do futebol, da arte em geral. O linguajar é de uma riqueza e de uma criatividade espantosas, para criar ditados, para criar ditos filosóficos, que eu aproveitava nas matérias. Algumas das melhores cenas, das melhores falas, das situações mais dramáticas que eu pude testemunhar, como repórter, que fizeram as minhas matérias terem algum sucesso decorreram, justamente, dessa possibilidade de estar nesses lugares. Se eu estou escrevendo justamente para a classe A e B, que jamais vai estar nesses lugares, eu tenho o dever de mostrar o Brasil real para essa turma da praia, para essa turma da Zona Sul. E os leitores valorizavam essas matérias, ao contrário do que pensam até hoje algumas pessoas da área comercial, da direção dos jornais e mesmo alguns chefes e editores. Não era raro receber elogios de pessoas importantes, conhecidas, por poderem, por meio das minhas matérias, testemunhar o drama social brasileiro.

**Em 1981, o *Jornal do Brasil* ganhou o Prêmio Esso pela cobertura do caso Riocentro. Você fazia parte dessa equipe?**

A minha participação nessa cobertura foi secundária. Os grandes méritos cabem a dois repórteres: Fritz Utzeri e um repórter excelente, já falecido, que foi o Heraldo Dias. Foram eles que, praticamente, em poucas horas, fizeram o papel que obviamente o Exército e a polícia não iriam fazer. Ainda estávamos na ditadura, embora já em um período mais brando. O Fritz e o Heraldo fizeram uma perícia por conta própria e descobriram toda a verdade que, depois, foi escamoteada. Até hoje a versão oficial é ridícula. A bomba estourou no colo de um dos agentes que deveriam levar essa bomba para estourar no Riocentro, atribuindo o suposto atentado ao terrorismo comunista. Isso foi provado por A mais B, com rigor policial, pelos dois repórteres, o que, basicamente, levou o jornal ganhar o prêmio. Eu apenas fiz uma parte, com outros jornalistas, como o Marcelo Beraba, por exemplo, que trabalhava para O Globo. Nós cobrimos a parte judicial. A gente também descobria coisas interessantes. Havia uma série de fatos no processo que, se fossem bem trabalhados e apurados, poderiam levar os investigadores e concluir a mesma coisa que os dois jornalistas já haviam concluído. Só que não havia interesse. Mas essa parte do trabalho não pode ser comparada à que foi realizada pelo Heraldo e pelo Fritz.

**Já que você citou esse exemplo do risco, como estava a situação nesse tipo de cobertura mais política?**

Esse episódio fazia parte de um plano da linha dura do Exército para retardar o processo de abertura que já estava começando. Já havia setores do próprio governo militar, na época, que eram a favor da abertura, com uma certa distensão também na área da imprensa. O episódio da morte de Vladimir Herzog foi uma linha quase divisória do embate da área do Exército favorável à abertura e a que queria a manutenção da ditadura, com todos os seus aspectos repressivos terríveis. Então, naquela época, a imprensa começou a poder se movimentar mais livremente. Eu cobri, por exemplo, o atentado à OAB, quando uma bomba matou a secretária do presidente da Ordem. Os jornais deram grande destaque ao fato, por muito tempo. No episódio do Riocentro já estamos falando do início dos anos 80. Um pouco antes desse episódio, naquela linha de reportagem social, fiz matéria sobre os transportes urbanos no Rio, que também teve repercussão. Resolvi acompanhar, durante um dia inteiro, um passageiro comum. Uma idéia simples. Minha empregada sempre chegava atrasada e dizia que a condução era horrível e que tinha que pegar várias conduções... Eu desconfiava que era conversa fiada. Não foi uma matéria com a qual o jornal ficou, inicialmente, entusiasmado. Planejei essa reportagem, cheguei ao jornal na noite do dia anterior, peguei carro, fotógrafo, escolhi o lugar mais afastado possível, uma periferia de Nova Iguaçu, uma localidade chamada Cabuçu, para ver o que uma pessoa que morasse lá tinha que fazer para trabalhar todo dia no Rio de Janeiro. Ia investigar tudo, tempo, preço, condições do transporte. Tinha que arriscar porque a minha idéia era colar em algum passageiro que pudesse ser a linha mestra da matéria. Então, resolvi chegar bem cedo. Cheguei lá em Cabuçu, na praça central de Cabuçu às 3 e pouco da madrugada e já tinha fila na praça, de gente que ia trabalhar no Rio. Eu me lembro que, para chegar lá, passava por pastagens, criação de boi, era quase uma área rural do Rio, de tão longe... Talvez chegar a Cabuçu fosse tão longe quanto chegar a Petrópolis, por exemplo. Na fila vi um senhor de meia idade vestido com uma calça de tergal meio rosa, típica da época, com a sua marmitinha. Resolvi colar nessa figura. Eu falo em um capítulo de um livro didático editado pela PUC-Rio que um jornalista, para fazer uma boa matéria, tem que ter sorte também. Felizmente esse personagem era mais rico do que qualquer ficcionista poderia inventar. Ele enfrentava quase todos os problemas que uma pessoa na sua condição podia enfrentar. E era espantosa a sua capacidade de superação pessoal. Era um pintor de paredes, estava trabalhando na construção de um prédio ao lado do estádio do Fluminense, na Rua Soares Cabral, nas Laranjeiras. Era um sujeito

evangélico, de uma área pentecostal, mais rígida. Naquele momento, segundo me relatou, era obrigado a se sentar, na igreja, na fila dos pecadores. Havia se separado da mulher, e a igreja não tolerava que as pessoas se separassem. Tinha que fazer as penitências dele, e, ao mesmo tempo, mesmo muito pobre, fazia questão de aprender um instrumento musical. Aprendia no que ele disse ser o Conservatório Brasileiro do Méier. Ele comprou um trombone e se exercitava na hora do almoço, estudando partituras. Ganhava um salário muito pequeno. Antes morava na favela do Borel, bem mais próxima do trabalho, mas saiu porque não conseguia pagar o aluguel do barraco. Saiu do Borel para morar lá no fim do mundo. Ele tinha que pegar um ônibus, que já saía quase cheio, de Cabuçu, às 3h30 até Nova Iguaçu. Chegava ainda de madrugada a Nova Iguaçu, que já fervilhava de gente à espera de condução pro trabalho. Lá, você tinha que fazer a escolha entre o “em pé” e o “sentado”. Eram duas filas. Se ele quisesse vir “sentado” tinha que esperar até uma hora. Se ele quisesse ir “em pé” era mais rápido. Essa foi a fila que ele escolheu. Eu sempre com ele. O ônibus saía quase sem poder fechar a porta. Viajei imprensado. Muitos passageiros dormiam em pé e o passageiro escolhido me contando a história dele. Acho que essa matéria fez sucesso, porque consegui dimensionar bem os fatos. Fui prestando atenção em tudo o que acontecia com o personagem e à sua volta. O que as pessoas conversavam, como elas se portavam, a paisagem vista da janela. Notei, por exemplo, que todo dia aquela figura de um evangélico, que estava na fila dos pecadores e tinha que sair de casa às três horas da manhã, via anúncios em neon de motéis ao longo da Avenida Brasil, com cascatas e mulheres nuas, talvez o único negócio que florescia por lá, na época. Eu pensava sobre como ele elaborava tudo isso em sua mente: mulheres peladas e sauna, massagem, piscinas, imagens de todo dia, pela janela do ônibus. Talvez para alguém que não tivesse ligado nesses fatos, isso não teria nada a ver com uma reportagem sobre transportes. Mas tinha tudo a ver. Tudo isso fazia parte do dia a dia desse brasileiro da periferia. O Gay Talese costuma dizer que uma das maneiras de você humanizar a reportagem é perguntar ao entrevistado o que é que estava pensando quando fez uma coisa importante, ou quando aconteceu alguma coisa importante na vida dele. Então, nessa matéria sobre esse pintor de paredes, usei essa técnica. Vou continuar só narrando a viagem. A gente ainda está passando pela Avenida Brasil. Então, ele chega à rodoviária junto à Estação Central do Brasil, e tem que pegar um outro ônibus. Foram três ônibus, para chegar às Laranjeiras. Ele, que pegou o primeiro ônibus às 3h30, chegou depois das 7h e foi descontado naquele dia porque já estava atrasado. Costumava retornar por volta de 4h30, 5h da tarde. Apesar de evangélico, não conseguia deixar de tomar a cachacinha e no final da jornada. E me



ofereceu um copinho, embora dizendo que sabia que estava em pecado. Tocou trombone para mim, na hora do almoço, e confessou outro "pecado": para ganhar algum dinheiro a mais, ele, evangélico, tinha que tocar marchinhas no período carnavalesco. Mas que coisa bonita, um sujeito aprendendo trombone, tocando bem trombone, tocando em banda carnavalesca e falando da filhinha dele, que ele teve com a segunda mulher. Na volta para casa, o mesmo tormento: depois da fila do "em pé", ele chega em casa quase às 10 horas da noite. Ou seja, ele iria dormir depois das 10 horas da noite para acordar de novo antes das 3 de manhã. Só podia dormir quatro, cinco horas por noite. Conteí toda essa história, com outros detalhes interessantes. Claro que fiz uma matéria acessória, que a gente chama de coordenada, com os aspectos técnicos: o que eram os transportes urbanos no Rio de Janeiro, as suas contradições. O que impactou mais os leitores, no entanto, foi o fator humano: o absurdo de o sujeito gastar uma porcentagem absurda do que ganhava só em transporte porque ninguém ligava para ele, nenhuma autoridade se esforçava, de fato, para que os pobres pudessem chegar ao Centro da cidade com uma tarifa social justa, ou – o que seria melhor – pudessem morar em locais mais próximos do seu trabalho. Para conseguir isso, você tem que ser um governante sério, enfrentando os lobbies dos transportes urbanos e da especulação imobiliária, que são muito fortes nos grandes centros urbanos. O personagem era uma vítima do descaso do governo, dos vários governos, nos níveis municipal, estadual, federal. A forma como conteí essa história ganhou uma notoriedade que me surpreendeu. Foi a única vez em que cheguei à redação, no dia seguinte à da publicação da reportagem, e encontrei um papel no qual os próprios colegas fizeram uma espécie de abaixo-assinado, cada um com um elogio. Fiquei emocionado. Fiquei surpreso, também, porque sabia que a idéia da matéria era boa, mas não achava que ia ter essa repercussão. Talvez pelo impacto que sempre causa a descoberta de um personagem tão rico ilustrando um problema social urbano tão candente. Recebi telefonemas de uma antropóloga americana, pedindo permissão para publicar a reportagem como um trabalho de antropologia urbana em uma revista americana. Fui cumprimentado por muita gente, pessoas importantes, sociólogos. Era uma matéria simples, mas do jeito que foi feita, fez sucesso. Reportagem é essencialmente isso: você sai, vai às ruas, ouve as pessoas, você vê, você observa, você começa a correlacionar fatos, você também dá números, dados estatísticos e procura fazer o texto mais atraente possível. Não se pode é economizar sola de sapato.

**Você citou o Gay Talese e isso me motiva a perguntar sobre a sua relação com o entrevistado.**

Costumo dizer que para os meus alunos que uma das coisas mais fascinantes do trabalho do jornalista é que ele tem que aprender a lidar com todo tipo de gente e, muitas vezes, para obter uma boa informação, ele precisa ser um ator. Imagine se eu fosse falar para cada autoridade que eu fosse entrevistar, o que eu, sinceramente, como cidadão, estava pensando dela naquele momento. O meu trabalho de repórter iria por água abaixo. Porque se você for você mesmo, no momento em que está falando com um político, por exemplo, pelo qual você não tem o menor apreço (são tantos, né?), você não pode chegar e dizer: "Olha, acho que o senhor é um corrupto, que o senhor foi desonesto,..mas me mandaram entrevistar o senhor". Sendo "sincero" assim, não conseguiria entrevistar a maioria dos políticos. O repórter, muitas vezes, tem que ser um ator. Tem que saber qual é a melhor maneira de se aproximar de cada ser humano, de cada fonte, porque ele vai entrevistar, vai lidar com todo tipo de gente, e vai ter que se deparar com reações típicas de uma pessoa quando encontra um jornalista. Há os que têm medo, os que querem aparecer mas não têm nada pra dizer, os que odeiam jornalistas porque foram maltratados, tiveram as suas falas deturpadas. Às vezes é pura incompetência, o que, infelizmente, ocorre muito hoje. Gente que não tem nem capacidade ouvir direito o que a pessoa falou, nem de transmitir para o seu leitor. Faço esse exercício com os alunos, quando peço para me entrevistarem. A minha biografia costuma ser muito enriquecida ou deturpada com coisas que eu nunca falei. E isso não ocorre porque os alunos estão querendo me prejudicar. O repórter precisa saber ver e ouvir com muita atenção, entender o que ouviu e não ter vergonha de perguntar quando alguma informação não está clara. É melhor ele perguntar de novo para a fonte do que passar vergonha com o seu leitor, o seu editor. Então, não tenho uma regra fixa sobre como eu devo me portar. Já me portei de todas as maneiras, conforme a necessidade, sempre preocupado em não ferir a ética. Eu não posso, por exemplo, me fingir de terapeuta para ouvir confissões íntimas de um ator famoso. Uma reportagem curiosa que fiz é um exemplo de como você, rotineiramente, tem que criar estratégias na hora. Consegui participar da reunião de um grupo de inteligência do Exército. Foi um erro da assessoria de imprensa do Exército, na época, quase às vésperas do AI-5. A assessoria de imprensa comunicou ao jornal que o ministro da Guerra (era o nome do cargo, na época), Aurélio Lira Tavares, ia participar de um evento no Regimento Sampaio, a tropa de elite do exército. Então lá fui eu, de manhã. Eu me lembro que, já chegando lá perto, vários jipes também estavam perto do carro de reportagem, apontando para a equipe (repórter, fotógrafo e motorista), como que dizendo: "O que é que esses caras estão fazendo aqui?". Falei para o fotógrafo e para o motorista que havia alguma coisa esquisita no ar, mas que iríamos

continuar. Quando cheguei à Vila Militar (fui o primeiro repórter a chegar), encontrei um grupo com vários oficiais e um paisano. Olhei para a cara do paisano, era uma pessoa que se apresentava como repórter de um jornal hoje extinto, o *Diário de Notícias*. Eu já havia me encontrado com ele em outras reportagens. Logo construí a minha hipótese. Naquela época existia uma espionagem dos militares dentro dos jornais, uma arapongagem, para descobrir os "subversivos" nas redações. Então, os repórteres sempre se perguntavam, quando havia motivos para desconfiança: Será que aquele lá é repórter mesmo ou espião? E aquele cara ali? Mas que existia, ninguém tinha dúvida. Então fiz a hipótese: esse paisano aí, que está conversando todo serelepe, na maior intimidade, com os oficiais, deve ser um desses caras. É um militar espião, que se disfarça de repórter, por isso está tão à vontade. Mas ele está aqui como militar e não como jornalista. O que é que eu vou fazer? Nessas horas você tem que ter raciocínio rápido. A minha única chance era "colar" no "espião", fingindo acreditar que ele estava lá como repórter. "Oi, fulano de tal, tudo bem? Veio aqui fazer matéria também...". Sabia que ele não poderia dizer pra mim: "Olha, não fala comigo não, porque você pensa que eu sou repórter, mas sou militar disfarçado, que espiono vocês todos". Os oficiais que estavam conversando com ele, quando me aproximei e comecei a mostrar intimidade, certamente pensaram que eu também era espião. Por isso fiquei "colado" no tal cara. Assim, ele não teria a chance de falar com o oficial: "Esse aqui não é um dos nossos, não. Esse aí é jornalista mesmo, disfarça aí..." Eles logo começaram a se movimentar e eu sempre junto. Aonde eles iam, eu ia junto. Pedi para o fotógrafo ficar longe, sem fotografar nada. Então, em certo momento, alguém chamou: "Agora, vamos para uma área interna onde vai haver uma exposição para o ministro Aurélio Lira Tavares." E fui junto. O que é que era? Era um relatório confidencial, explicando para o ministro como eles se infiltravam no meio estudantil. Essa era a grande área de resistência na época. Um oficial dava as explicações com detalhes para o ministro, até o tipo de bomba de efeito moral que jogavam, em que situações jogavam, em que situações não jogavam. Havia uma espionagem gabaritada também no meio estudantil. Ainda estudante, conheci alguns deles, eram pessoas inteligentes. Alguns eram cultos, faziam discursos bem articulados, convincentes. Logo depois do golpe eles mostraram a sua verdadeira face, de dedos-duros, não é? Voltando à Vila Militar. Presenciei toda a exposição de como eles se infiltravam no meio estudantil, sem, claro, anotar nada. Procurei memorizar tudo. Quando saí do ambiente fechado, os outros jornais já tinham chegado. É claro que, como existe competição, eu não ia dizer: "Olha, gente, vocês não viram o que eu vi". Quando chegaram os outros jornais, os oficiais perceberam que havia alguma coisa errada e começaram a perguntar. "O que é que vocês estão

fazendo aqui? Isso é secreto. Não pode ter jornalista, como é que vocês vieram?" O pessoal explicou que foi a assessoria de imprensa do Ministério da Guerra que nos chamou. Aí, começaram a pegar nome de todo mundo, endereço, telefone, para intimidar. Depois ainda estava programado um treinamento anti-guerrilha. Então, me lembrei de uma regra que aprendi, cursando direito, que a gente deve usar muito no jornalismo: "Tudo que não é expressamente proibido, é permitido". Eles não tinham proibido ninguém até aquele momento, de trabalhar como jornalista e, por isso, meu fotógrafo, sem ser notado, já havia tirado algumas fotos do treinamento. O repórter não precisa, portanto, em uma área pública, perguntar: "Posso entrar aqui?" Se não tiver uma fita ou um aviso explícito dizendo que a área está interditada ou que o acesso é proibido, você não precisa perguntar. Siga adiante, até onde der. Cheguei à redação, contei o episódio, e me lembro que o Gabeira se admirou. Ele também foi um dos meus mestres. Era um grande pauteiro, que encontrei quando cheguei como estagiário no *Jornal do Brasil*. Um sujeito muito culto, muito inteligente, que fazia pautas que ninguém fazia na época, ou seja, aprofundava cada aspecto da matéria, da apuração, pedindo ângulos que normalmente as pessoas não pediam. Ele já estava se preparando para a outra atividade dele, a da luta clandestina. Acho que ele naquela época dirigia o Departamento de Pesquisa, que foi outra novidade do *JB*, outra criação do Alberto Dines, que inovou o jornalismo brasileiro, em vários aspectos. Contei o meu episódio, me pediram para fazer a matéria, claro, sem assinar. Quando o Gabeira soube, veio comentar comigo, achando graça. "Então, Israel, quer dizer que você tava lá, no meio dos milicos... descobrindo essas coisas?" A matéria saiu, com chamada. As pessoas, curiosas, costumam perguntar: "E aí, eles se vingaram? Você foi preso depois?" Como disse antes, isso ocorreu um pouquinho antes do AI-5. Eu me lembro, nunca vou me esquecer disso: antes de o ministro ouvir o relatório, houve um coquetel e eu ouvi um oficial comentando, quando descobriram que havia jornalistas na área, coisas do tipo: "Esses caras não sabem o que vem por aí". Entre um salgadinho e outro, era, praticamente, um anúncio do AI 5. Eu contei isso pros editores, antes da reunião da tarde. Todo mundo já andava com receio de que a coisa iria fechar. Imagino que essa mancada da assessoria de imprensa do Ministério da Guerra deve ter gerado um grande problema interno. Comigo nada aconteceu, a não ser, é claro, ser vítima das tradicionais brincadeiras dos colegas de redação de jornal. No dia em que a matéria foi publicada recebi uma ligação: "Aqui é do Ministério da Guerra. O senhor está intimado a vir aqui prestar depoimento sobre a matéria que saiu publicada hoje. Se o senhor não vier espontaneamente, virá escoltado". Confesso que me assustei um pouco, pois, embora a matéria não tivesse saído assinada, eles, como eu contei, anotaram o

meu nome e o do jornal. Quando desliguei e comecei andar pela redação vi que já tinha gente que não conseguia disfarçar o riso. Como eu falei, lidar com a fonte, com o entrevistado, não tem regra fixa. Tem que ter bom senso e uma certa presença de espírito para saber como lidar com cada pessoa. Costuma haver um erro crasso, que não é tão raro assim. Infelizmente já tive alunos que cometeram esse erro, já como profissionais: você está fazendo uma matéria investigativa e inverte os papéis. Ao invés de só procurar a pessoa investigada no fim da sua apuração – fazendo o que se chama, tecnicamente, de entrevista-chave – você começa a sua apuração justamente procurando o suspeito de cometer irregularidades: “Olha, eu estou começando a investigar o senhor. O senhor vai ver o que vem por aí. O senhor se considera um corrupto?” É claro que estou exagerando na narrativa. Mas se o repórter fizer isso, o suspeito vai tomar suas providências: além de negar tudo, vai tentar apagar todas as eventuais provas contra ele, e avisar todos os outros envolvidos para eliminar todas as possibilidades de apuração. Em geral, você tem que tratar com o máximo respeito qualquer pessoa que entrevista, sobretudo se ele é suspeito, em matéria investigativa. Você jamais deve chegar de forma agressiva para um entrevistado que você está investigando, mesmo que você já tenha terminado a apuração e esteja convicto de que ele tem culpa no cartório. Pelo contrário, você tem que demonstrar o maior respeito por ele. Inclusive porque você pode estar errado e a pessoa ser inocente. Às vezes, a investigação te levou para um caminho errado. O jornalista jamais deve ser arrogante. Isso é um defeito infantil do jornalismo. Mesmo que, em matéria investigativa, você procure o entrevistado, após longa apuração, convicto de que conseguiu as provas que o incriminam, você tem que chegar humilde. Tem que dizer coisas do tipo: “Olha, infelizmente, eu tive que vir aqui porque existem pessoas ou provas que mostram que o senhor teria feito isso ou aquilo... Nós jamais iríamos publicar uma matéria sem ouvir o outro lado. Gostaríamos que o senhor nos explicasse..”. Muitas vezes, para nossa surpresa, a pessoa apresenta uma argumentação que acaba com a matéria. Na minha época de jornalista investigativo eu perdi muito tempo na apuração de fatos que não resultaram em matéria, porque não consegui reunir provas definitivas. Não se pode denunciar ninguém sem provas. Jovens repórteres, por exemplo, são vítimas preferenciais daquela guerra de dossiês de candidatos às vésperas da eleição. Eles apenas estão sendo usados como um brinquedo. Os dossiês, na maioria das vezes, são furados. Se colar, colou. Numa série de reportagens que fiz, já na década de 90, sobre fraudes na Saúde, e que também renderam um prêmio, consegui reunir provas, documentos, de praticamente tudo o que eu afirmava. Se, por exemplo, uma autorização de internação hospitalar mostrava uma clara fraude, pelos dados

contidos, eu sempre dava o número do documento, na matéria. Esse tipo de cuidado mostra ao leitor que você está bem municiado e dá mais força à sua reportagem.

**A entrevista, propriamente dita, deve ser o último passo da investigação?**

Na minha fase de jornalista investigativo fui convidado a participar, no México, de um congresso patrocinado pela Sociedade Interamericana de Imprensa, que tinha um núcleo de jornalismo investigativo, para fazer palestras sobre a minha atividade no Brasil. Fiz um pequeno curso que foi valioso, dado por um jornalista colombiano. A Colômbia foi um grande centro de jornalismo investigativo, em razão da luta contra o narcotráfico. Muitos jornalistas foram assassinados, perseguidos, alguns deles fugiram para os Estados Unidos. Um deles, que depois foi trabalhar na Espanha, mostrou nesse pequeno curso alguns instrumentos do jornalismo investigativo: a linguagem que você deve usar, por exemplo, tem que ser bastante discreta, técnica, e não superlativa, para conferir mais seriedade e credibilidade à matéria, evitando até problemas jurídicos desnecessários. Você tem que ser muito seco e restrito aos fatos que você apurou, e sempre procurar fazer a matéria só depois que tiver provas irrefutáveis. A chamada entrevista-chave, que foi ensinada nesse curso, é a que você faz no fim da apuração, quando você acha que já coletou provas suficientes. Uma apuração investigativa começa com uma hipótese: é como um trabalho científico. É preciso obter as provas, que comprovam a nossa hipótese inicial. E é muito difícil obter essas provas porque ninguém dá recibo de que recebeu propina. O brasileiro que cometeu irregularidades é muito capaz, muito criativo para esconder provas, para trabalhar com ótimos advogados, que sempre encontram brechas na lei para justificar uma série de fraudes e ilegalidades. E há todo um anteparo político para dificultar ainda mais a apuração desses fatos. Por isso, o jornalismo investigativo é considerado nobre, porque você precisa dar duro, trabalhar bem, saber investigar, ter paciência, até conseguir uma comprovação. Agora, quando você tem êxito, você pode, inclusive, derrubar presidentes. Quando a coisa, no entanto, é mal feita, você cai no denunciismo, que também é uma praga no Brasil e em outros países, porque é aquela ânsia de dar o furo, chegar rapidamente à conclusão, sem base suficiente. Você está sujeito a cometer danos sérios a pessoas e instituições, acabar com carreiras, com reputações. Já temos vários casos emblemáticos no Brasil. O jornalista investigativo tem que ser feito por gente capaz e madura para não incorrer nesses erros fatais.

**Tem jornalistas, como Roberto José de Alencar, que morreu no ano passado, que tinha pontos de vistas sobre o jornalismo muito parecidos**

**com o seu. E ele escreveu um livro chamado *Sorte e arte*. No início do livro ele disse que a metade das reportagens que ele fez por sorte e a outra metade por arte. Até que ponto essas reportagens que você contou para a gente foram feitas por sorte e até que ponto foram feitas por arte?**

Eu acho que uma coisa, de alguma maneira, busca a outra. Há uma situação curiosa. Conheci grandes jornalistas de temperamento tímido. Eu mesmo não sou dos mais comunicativos, socialmente. Nesses casos, o jornalismo, por sua natural exigência, funciona como uma terapia. Não tem jeito. Em vez de ficar enfurnado na redação, com medo de a matéria não dar certo, de não encontrar ou ser mal recebido pelas fontes, você só tem uma alternativa: sair, fazer, enfrentar o risco, o desconhecido. Você tem que chegar lá e se comunicar. Quando você procura, quando você tem diretrizes corretas, quando você vai atrás, geralmente o resultado é sempre melhor do que os seus temores iniciais faziam prever. Será que eu vou conseguir falar com o sujeito? Será que isso vai render? Digo isso com absoluta convicção, baseado na experiência de décadas de reportagem. A grande aventura do jornalismo é justamente essa partida diária para o desconhecido, para as descobertas. Num país com tal riqueza de possibilidades jornalísticas, a chance que você tem de vibrar com o que você encontrou é muito maior do que a de, eventualmente, se frustrar. Muitas vezes você não tem a sorte de encontrar as boas matérias porque simplesmente não tentou encontrá-las. Naquela viagem de ônibus, por exemplo, tive a sorte de encontrar um personagem fantástico. Mas se eu não tivesse tido essa ideia, se não tivesse ido lá, se não tivesse deixado de dormir uma noite, se não tivesse feito essa viagem, eu não teria encontrado esse personagem. Por que outros, antes de mim, não tiveram essa ideia? Acho que a sorte caminha junto com uma boa diretriz que você tem para o seu trabalho, da sua capacidade, da sua vontade, pelo menos, de ser um bom jornalista, de denunciar o que está errado, de melhorar a sociedade na qual você vive, de ter bons projetos, boas pautas, de ter boas fontes e de saber onde quer chegar. A arte faz parte dessa conjugação, que parece fácil, mas não é. Não é muito fácil conseguir conjugar tudo o que as boas reportagens precisam ter, desde uma apuração bem feita, a capacidade de observar, de desconfiar (sobretudo das fontes oficiais), uma cultura geral que te possibilite correlacionar e dimensionar fatos, uma redação atraente. Às vezes você passe mais tempo para fazer um bom lide do que para fazer o resto da matéria. Quantas boas apurações já se perderam porque o lide não ficou à altura do que se apurou? O leitor, simplesmente, não se sentiu atraído. Costumo dizer para os meus alunos que não é fácil ser um bom repórter. São tantas as características e os atributos desejáveis que é difícil encontrar alguém com um perfil completo. É verdade que o emprego para jornalistas está

mais restrito. Mas essa história tem outro lado. Várias vezes precisei selecionar pessoas e não encontrei o perfil adequado, porque os bons já estavam todos empregados. Por isso, não me canso de repetir: quem é bom de fato dificilmente não consegue emprego. O que um bom jornalista não pode é ser arrogante. Ao contrário, é preciso ser sempre modesto, ter muita atenção e rigor com os próprios erros, porque, devido à própria natureza do nosso trabalho, a possibilidade de errar é muito grande.

**Você foi editor de temas como ciência, saúde, ecologia e política. Em relação a esses temas, há questões específicas quanto à forma de tratar esse tipo de informação, que questões se colocam, na prática do jornalismo, sobre o tratamento desses diferentes tipos de informação?**

Na minha atividade jornalística, até o momento que estou dando esse depoimento, tenho 44 anos em jornal, e um período pequeno em televisão: fui diretor de redação da antiga TV Manchete. A maior parte do tempo fui repórter, mas também atuei chefiando repórteres ou editando, nas áreas de cidade (isso ainda na “época de ouro” do JB) e, mais tarde, ciência, ecologia e política, já num período de normalidade democrática. Editei, também, um caderno que se chamava Saúde e Medicina, no *Jornal do Brasil*. Foi curioso porque, no jornalismo, pela urgência da atividade, não te perguntam muito: “Você gosta de fazer isso? O que você prefere fazer?” Eu sempre fui, por exemplo, um mau aluno em exatas, biologia, física, química, matemática, e acabei editando ciência. Simplesmente recebi a determinação: “Estamos precisando que você edite ciência” Então, por isso digo que o jornalista precisa ter capacidade de se adaptar, de saber usar aquelas ferramentas gerais do jornalismo para trabalhar em qualquer área. Mas aprendi também, nessas atividades, uma série de peculiaridades de cada editoria. Alguns jornalistas mais desavisados têm uma reação negativa, quando um colega da área de ciência, depois da matéria feita, liga para a fonte e pergunta se escreveu algum besteira. Afinal, costuma-se dizer que o jornalista nunca deve mostrar a sua matéria. Como tudo em jornalismo, essa regra também tem exceção. Não é um erro para o repórter de ciência mostrar a sua matéria, porque não há nenhuma outra área na qual você está sujeito a falar mais besteira. Nos grandes jornais, quando você escreve para leigos, o texto é muito difícil porque você tem que transformar aquela experiência científica em algo que um leitor leigo possa entender. Você pode usar várias técnicas: por exemplo, no momento em que você está apurando a matéria já deve aproveitar para encaminhar, com a fonte, um roteiro de texto, para saber se aquilo que você quer escrever, que tem que ser inteligível, não é uma grande besteira. Por exemplo: é aconselhável usar



analogias para explicar um experimento científico. Se o experimento é semelhante a um relógio cujos ponteiros andam para trás, vale a pena ver com a fonte se dá para escrever assim, para facilitar o entendimento do leitor. Mas se o experimento científico não for exatamente isso, você achou que descobriu a pólvora, e o cientista pede, já apreensivo: "Não, não é isso.. Não escreve assim não. Está errado. Os outros cientistas vão cair na minha pele amanhã". Todo cientista tem pavor de, por erro do jornalista, ser ridicularizado pelos colegas. Então, no momento que você está entrevistando uma pessoa, já tem que ficar ensaiando o texto. Você não faz isso em outras áreas, mas em ciência vale a pena. De repente, um termo mal colocado pode por tudo a perder. Os avanços científicos são fantásticos e ocorrem em tempo cada vez menor. Por isso as notícias científicas ganham espaço crescente nos veículos de comunicação. São necessários alguns cuidados, porque, como em outras áreas, há fonte boa e ruim, instituição boa e ruim. Umas merecem crédito, outras não. Tudo isso sei aprende ao longo do tempo. Você tem que se cercar de um naipe de especialistas brasileiros ou mesmo estrangeiros de credibilidade para, às vezes, explicar melhor o que vem das agências. Cuidado também com alguns profissionais que tentam se promover contratando assessoria de imprensa. Geralmente, não são os melhores. Há médicos, que, com ajuda de assessores, criam falsas notícias com o único objetivo de aumentar a clientela, usando reportagem de jornal ou revista.

**Você tem passagens pelo rádio e pela televisão também, mas a maior parte da sua história está no Jornal do Brasil. Como é que você vê a crise do JB?**

Essa pergunta sempre vem. Historicamente, até já vi estudos que mostram que, em geral, as crises dos grandes jornais duram muitos anos, até décadas e dificilmente são revertidas. Como as crises são geralmente econômicas, os jornais às vezes abrem mão de alguns preceitos de credibilidade para favorecer aquilo que garante a sua sustentação, os anúncios. Já dei alguns exemplos. Quando você corre atrás dos anúncios, o anunciante do setor privado, que não é bobo, vai querer saber qual é a sua taxa de leitura. Se ele sabe que você está sendo pouco lido, vai achar que aquele preço que você está pedindo não vale a pena. Então, você corre para onde? Para verbas públicas. Aí, os critérios são diferentes. O dinheiro é nosso, é público. O setor público pode também colocar publicidade nos jornais de acordo com os seus interesses políticos, específicos. Se você precisa faturar, não fica bem criticar quem te sustenta e de quem você depende, mais do que nunca, porque você está em crise. O leitor, que também não é bobo, vai sentindo isso, mesmo que goste do jornal, mesmo que a marca seja forte, vai sentindo coisas esquisitas e vai perdendo o pouco da confiança que ainda tem no jornal. Esse é que é o risco de

todo grande jornal, que já teve nome, e que entra nessa crise. Você perde o seu principal valor: a credibilidade. Isso é irremediável e fatal. Não há anúncio que te sustente quando você perde os seus leitores.

**No caso do *Jornal do Brasil*, o que você acha que foi determinante?**

Foi dito claramente por pessoas da própria família que era dona do jornal, que houve má gestão, além da pressão, em certo aspecto, do governo militar. Isso hoje é público: má gestão e pressão, em algumas épocas, hoje já estão documentadas. O Elio Gaspari documentou uma pressão direta sobre o *Jornal do Brasil*, feita já no período Geisel. A má gestão fez com que o jornal perdesse, por exemplo, a chance de ter televisão.

**De dentro da redação, como é que vocês percebiam isso?**

Não só dentro da redação, fora da redação também. Isso era comentado pela sociedade, é uma fato notório. O *Jornal do Brasil* teve uma grande crise, até que a família originariamente dona do JB teve que passar o jornal adiante.

**Você se lembra de alguns desses momentos de pressão dos militares, em que a redação também percebia o que estava acontecendo?**

Na realidade, e isso foi mais relatado, foi uma pressão mais sutil na medida em que o jornal já estava em crise e a pressão era para que houvesse um boicote comercial ao jornal. Isso já era uma situação comumente vivida. Mas não se sabia dos detalhes, que foram documentados pelo Elio Gaspari. Era uma ação planejada para que houvesse boicote comercial ao *Jornal do Brasil* em uma determinada época, no final dos anos 70.

**Era em função de reportagens...**

Era uma época na qual provavelmente eles não estavam satisfeitos com algum tipo de reportagem. Sempre que havia brechas, o jornal fazia reportagens que incomodavam. Nenhum dos grandes jornais, na realidade, se acomodou totalmente, abdicando do direito de fazer matéria. Havia algumas matérias que eram censuradas. Às vezes, na época pior da ditadura, a gente sabia dos fatos pelas ordens que vinham da Polícia Federal. As ordens da Polícia Federal diziam, por exemplo, que não se podia abordar tal fato. Só que havia a descrição do fato. Houve épocas de ações militares violentas, gente morrendo. Vinha, então, a ordem: "Não se pode divulgar nada a respeito do tiroteio que aconteceu em tal lugar...".

### **O que representou o *JB* na sua vida?**

Acho que fui uma pessoa de sorte. Tive a sorte de adquirir uma certa projeção na época de glória do *Jornal do Brasil*. Pude participar dessa epopéia do jornalismo brasileiro, na época em que foram criados os cadernos de jornalismo e comunicação, o primeiro departamento de pesquisa, a primeira editoria da cidade, quando o jornal reunia os melhores repórteres do Brasil, correspondentes internacionais de alto gabarito, quando você podia fazer grandes reportagens, mesmo que o jornal precisasse gastar uma boa soma de dinheiro para isso. Uma das frases do Carlos Lemos, que foi um grande chefe de redação, era: "A boa notícia não tem preço". Isso, hoje, parece piada em muitos jornais. Você podia ir para o fim do mundo, desde que conseguisse uma boa notícia. Então, ter podido participar desse momento, que podia ter sido ainda muito mais rico se não houvesse o golpe militar, e ter podido compartilhar isso, ter podido crescer nesse ambiente riquíssimo, para mim, foi um grande orgulho. Foi uma glória ter convivido com pessoas como Alberto Dines, Carlos Lemos, o José Gonçalves Fontes, o José Silveira. Meu primeiro chefe de reportagem no *JB*, o Luiz Orlando Carneiro, era o oposto, em temperamento, a um outro grande chefe com o qual convivi no *Correio da Manhã*, o Jaime Negreiros. O Negreiros transbordava de energia, de agitação, e o Luiz Orlando era calmíssimo. O importante era que os dois, cada um com o seu temperamento, o seu estilo, eram grandes chefes. Era, sobretudo, um grande prazer trabalhar no *JB*. Hoje, em muitas redações, esse ambiente, essas condições de trabalho desapareceram. São muitas pressões, muitos interesses comerciais, muitas exigências ditadas por essas "sinergias" que não passam de maquiagens para justificar exploração do trabalho do jornalista.

### **Quais são os desafios do jornalismo hoje?**

Não vou falar nenhuma novidade, só vou falar da minha experiência, dessa transição pela qual eu passei. Antigamente, porque não havia internet, as grandes facilidades da comunicação, o jornalista não tinha muita saída. Tinha que ir para a rua, tinha que conhecer pessoas, ter percepção, saber descrever cenas, saber descrever situações, conhecer o povo, figuras interessantes na rua. Essa foi uma das maiores riquezas do meu aprendizado: conhecer gente que eu jamais teria conhecido, gente que me proporcionou grandes matérias, pessoas anônimas que falavam coisas interessantíssimas. Com o advento da internet e de toda a parafernália de comunicação, há muita coisa positiva. O jornalismo internacional, por exemplo, se beneficiou muito. Era uma aventura você tentar entrevistar uma figura internacional no *Jornal do Brasil*, nos anos 60. Você fazia fila para conseguir uma linha telefônica, de horas, às vezes. Tinha uma telefonista que

centralizava as ligações e que falava sempre a mesma coisa: “Linha, não tem”. Você podia ficar horas na redação sem conseguir uma linha para falar. Se você não fosse da editoria internacional, isso era bom, em certo aspecto, porque você era obrigado a ir para a rua. Mas para fazer uma entrevista com uma figura internacional, era uma aventura. Então, se você trabalhava na editoria internacional, se limitava, muitas vezes, a fazer um copy desk, ou uma cozinha das notícias que vinham pelas agências de notícias internacionais. Hoje você pode, com o skype, ou com telefone, entrevistar o Noam Chomsky, na hora. Você pode entrevistar um grande especialista em estudos estratégicos, em qualquer lugar do mundo, usando a internet, isso é fantástico, maravilhoso, forneceu instrumentos novos para o jornalismo internacional. Eu via, nos meus últimos tempos de jornal, pessoas falando com palestinos, israelenses, colombianos, americanos, especialistas internacionais, com a maior facilidade. Em vez de apenas coligir as matérias internacionais, você enriquece as matérias ouvindo os especialistas na hora. Com a internet, surgiram ferramentas para que todas as editorias consigam muito mais rapidamente as informações, tabelas. Hoje, no jornalismo investigativo, você tem cursos para saber usar a internet, saber usar sites, para você ter informação estratégica rapidamente, e isso é fantástico, o que na minha época era impossível. Você tinha que sair, encontrar as pessoas, anotar, procurar lugares, bater perna, sujar os sapatos, o que hoje é mais raro e não é bom para o jornalismo. A internet é maravilhosa, mas, com todas as facilidades que trouxe, tornou o repórter mais estático, exageradamente preso ao telefone, ao computador. É um repórter que sai muito menos à rua, como antigamente, tem muito mais dificuldade em enriquecer as matérias com personagens, com fatos humanos, com dramas e comédias humanas, com percepções de realidade, com descrições de situações variadas. As matérias ficaram muito empobrecidas, sob esse aspecto. Um grande diferencial de um bom repórter, como já disse, é a possibilidade de observação e de correlacionar fatos, de ter um relacionamento maior e de contar histórias com personagens interessantes jornalisticamente, que muitas vezes não são encontradas em escritórios. Há um outro aspecto que empobreceu muito a qualidade do jornalismo brasileiro, que é a decadência do ensino no Brasil. É uma aberração que os jornais tenham que contratar professores de português, que as faculdades de elite tenham estudantes que querem ser jornalistas e que não sabem colocar um ponto, uma vírgula, não sabem grafia, não sabem concordância, não sabem nada. Infelizmente, tem muita gente assim. Tem professores de curso de letras que são contratados por professores de áreas técnicas para corrigir e desenvolver os textos de teses. Sozinhos, eles não conseguem escrever. É um absurdo a pessoa chegar à faculdade e não conseguir

escrever um texto. Isso é um problema muito sério nos jornais. Hoje não é fácil encontrar um jovem jornalista que saiba escrever bem e que tenha os outros atributos necessários à profissão. Mas não é uma queixa restrita ao jornalismo. Os médicos, os advogados, os arquitetos e outras profissões também sofrem hoje com uma formação mais deficiente, desde a base, desde o ensino fundamental. Professores me contaram episódios absurdos que acontecem em muitas dessas faculdades “comerciais” que existem por aí. Eles são obrigados a deixar os alunos passarem de ano, para que não desistam do curso, e, portanto, deixem de pagar as mensalidades.

**Qual é a sua opinião sobre uma iniciativa como essa, de resgatar a memória do jornalismo através de depoimentos?**

Acho que é uma iniciativa altamente elogiável. Temos que lutar pela valorização maior do jornalismo e do jornalista brasileiro, em todos os aspectos. A discussão sobre jornalismo, baseada em experiências e vivências relacionadas à profissão, ainda é incipiente no Brasil. Os cursos de pós-graduação, mestrado e doutorado geralmente não dão ênfase aos questionamentos que realmente interessam aos jornalistas. Você não encontra, aqui, por exemplo, mestrados voltados para o jornalismo investigativo, como existem nos Estados Unidos. Essa discussão, a crítica, em nível mais alto, você encontra num site como o *Observatório da Imprensa*, que faz um papel que deveria ser, basicamente, das universidades. Isso ainda está mal resolvido, aqui no Brasil. Por isso acho fundamental essa iniciativa de recuperar a memória do jornalismo brasileiro, trazendo experiências e discussões valiosas. Vocês estão de parabéns por essa iniciativa.